

## DO INÍCIO DO PENSAMENTO REFLEXIVO ÀS PRAIAS DO GUARUJÁ. UM TRIBUTO AO MAR

Antonio Amaro Pereira<sup>1</sup>  
Eliza Helena Ercolin<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo pretende mostrar a atração exercida pelo mar e conseqüente deslocamento de pessoas com início na Antiguidade até a cidade de Guarujá na atualidade. Procurou-se através de uma perspectiva psicológica compreender a necessidade do homem em conhecer novos lugares motivado pelo fascínio do mar.

**Palavras-chave:** mar, Guarujá, deslocamento populacional

**ABSTRACT:** *This study it intends to show to the attraction exerted for the sea and consequence displacement of people with beginning in the Antiquity until the city of Guarujá in the present time. It was looked through a psychological perspective to understand the necessity of the man in knowing new places.*

**Keywords:** *sea, Guarujá, population displacement*

Iniciando nossa pesquisa constatamos que a tarefa não seria tão simples assim pois, queríamos seguir uma linha do tempo, porém cada obra e autor consultados abordavam a evolução do turismo enfocando aspectos variados.

Lickorish e Jenkins apud Rejowski (2002) propõem quatro estágios: turismo pré-histórico, transporte, período entre guerras e decolagem do turismo a partir de 1945.

A classificação de Schlüter e Winter (1993) propõe outra forma de analisar a evolução do turismo: antecedentes das viagens do turismo, desenvolvimento do turismo moderno, turismo em cenário de mudanças e evolução do turismo no Brasil.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia e Mestre em Educação. (*in memorian*)

<sup>2</sup> Licenciada em Psicologia e Mestre em Psicologia da Saúde.

Uma divisão da história do turismo em forma cronológica de fatos e acontecimentos é proposta por Acerenzas (1991): antecedentes remotos, a partir do século XVI, a partir de meados do século XIX; depois da 1ª grande guerra mundial; e nas últimas décadas.

Decidimos fazer um levantamento de fatos ao longo de uma linha do tempo, desde que estivessem ligados a deslocamentos de homens em direção ao mar.

Na pré-história em função das necessidades de buscar alimentos e proteger-se<sup>3</sup>, o homem foi impelido a deslocar-se cada vez mais longe de seu local de origem vencendo o temor ao desconhecido. O primeiro movimento do homem em direção ao mar se deu de forma premente, pois apesar do medo deveria arriscar-se motivado pelas duas necessidades mais fundamentais e poderosas do ser humano: garantir o alimento dos seus e protegê-los. Tem início a aventura do homem através das águas, e o que iniciou por mera necessidade foi tornando-se cada vez mais um desejo de conquistar territórios e riquezas.

Os gregos viviam rodeados de ilhas. A contemplação das águas maravilhava e o mar convidativo os encantou<sup>4</sup>. Suas ilhas eram maravilhosas e o convite feito pelo mar foi prontamente aceito, tanto pelos prazeres quanto pela oportunidade do comércio.

Não é de se admirar que o grego fosse um esteta, a beleza marinha adentrava sua alma – a água potável é necessária para o corpo, mas a salgada é imprescindível para a alma – daí o fato deles terem sido educados pelas Epopéias homéricas, que não só eram poesias como tinham o mar como palco. As Epopéias relatavam os feitos de seus heróis, sempre tendo o mar como testemunha. Ulisses, na Odisséia, por não ter feito oferendas a Poseidon (Deus do mar), leva vinte anos perdido num mar inóspito, mas cheio de encantos, tanto que teve de ser auxiliado pela deusa Atena para poder desfrutar dos braços de sua amada Penélope. O mar levou o herói e vai trazê-lo de volta a sua Ítaca

No mar, Ulisses o mais sábio entre os homens, quer ouvir o canto das sereias para conhecer o que é proibido aos mortais, ainda que avisado por Calipso, pede a seus marujos para ser amarrado aos mastros, pedindo que, apesar de suas súplicas, não o desamarrassem.

---

<sup>3</sup> Para maiores informações pesquisar a hierarquia de necessidades humanas de A. Maslow in: SILVA, Fernando Brasil da. *A psicologia dos serviços em turismo e hotelaria: entender o cliente e atender com eficácia*. SP. Pioneira Thomson Learning, 2004.

<sup>4</sup> Algumas teorias psicológicas afirmam ser a água um símbolo universal do útero materno.

No balanço das vagas, ao ouvir o canto proibido, sai ainda mais sábio dos mares. É do mar que o saber divino através do canto proibido das sereias, canto salinizado e com fragrância marinha, adentra todos os sentidos, fazendo o homem transcender até o divino.

Afrodite, deusa do amor, de beleza incomparável também foi concebida através dos respingos do sêmen da genitália decepada de Urano, com a espuma das ondas do mar. Só o mar poderia plasmar deusa tão bel que representa o mais sublime sentimento humano.

Era tão grande o apego ao mar, que os gregos jamais buscaram afastar-se dele talvez esteja aí o amor à Polis. Para expandir sua cultura foi necessário os macedônios rumarem para o Oriente e os romanos para o Ocidente, eles, mesmos, jamais afastaram-se de suas ilhas.

A filosofia nasce de um monista que não admitia outro princípio para a **physis** que não fosse a água. O grego Tales de Mileto desta forma inaugura a base do pensamento ocidental. Assim como a vida, a filosofia nasce da água!

Os romanos aprendem o banho coletivo em Hélade e transportam ao Lácio, no bojo da cultura grega, o amor ao mar; mais práticos e beligerantes que os gregos, utilizam o mar como via de comércio e também, para saciar seu espírito expansionista, logo chamando o Mar Mediterrâneo de **Mare Nostrum**, como se o mar pudesse ter dono. Quando percebem a importância do mar, trocam Roma por Constantinopla.

O apogeu do florescimento das viagens na Antiguidade Clássica ocorreu no tempo de Roma. A *Pax Romana* foi fundamental para as viagens, pois criou-se uma onda de prosperidade propícia ao deslocamento de homens, das mercadorias e das idéias. Holloway apud Rejowski esclarece que “os ricos construíram casas de veraneio próximas de Roma, a fim de que pudessem também usá-las em suas reuniões sociais da primavera”.

O romano praticava o *otium*. Vivia-se o *otium* geralmente como uma viagem e permanência à beira-mar. No final da República surgiam sobre as orlas do Latium e da Campânia verdadeiras estações balneárias. Os romanos ao herdarem muitos aspectos da cultura grega assimilaram a adoração pelo banho.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Para maiores informações ver: FEIJO, Bruno Vieira. *As águas do tempo* in Revista Aventuras na História, edição 43 março 2007.

A vida à beira-mar proporcionava uma variedade de opções: passeios, leituras, conversações, pesca e os banhos sulfurosos.

Com a queda do Império Romano viajar tornou-se perigoso e difícil. Estradas foram destruídas, havia perigo de saques, assassinatos e ataques de bárbaros.

Na Idade Média, em função de características vigentes tais como: a fixação do homem à terra, atividade econômica predominantemente agrícola, ausência de um comércio desenvolvido entre outros; as pessoas tinham pouca necessidade de se deslocar para fora de seus domínios. Aos poucos, com o incentivo da Igreja floresce o turismo religioso. Os destinos mais visitados eram Jerusalém e Roma.<sup>6</sup>

Os ingleses não tardaram a perceber a importância do mar para a sua economia. Não só atiram-se a ele como se achavam seu dono, repetindo os romanos. Seus corsários e piratas durante séculos aterrorizaram navegantes e suas histórias até hoje embalam nossos sonhos juvenis.

O final do século XV e o século XVI contaram com a explosão das grandes viagens marítimas de descobrimentos. No final do século XV Colombo partiu para a descoberta da América. O Brasil e o caminho das Índias foram descobertos pelos portugueses no início do século XVI.

Os portugueses pelo seu Tejo fazem suas caravelas adentrarem os mares temerosos, conquistando os oceanos cantados pelo poeta e terras maravilhosas, dentre elas o Brasil.

Ao chegarem ao Brasil os portugueses assombraram-se com o costume dos nativos, pois chegavam a mergulhar em rios e mares até doze vezes ao dia. A beleza e saúde dos corpos nus dos índios atraíram a atenção dos colonizadores à prática dos banhos de mar. Navegador por excelência, os colonizadores portugueses assimilou as lendas do mar e as trouxe para o Brasil. Segundo o historiador Raimundo Moraes a lenda da Iara é fruto da influência das tradições orais trazidas pelos portugueses que tinham lido a Odisséia de Homero.

---

<sup>6</sup> Por influência do cristianismo, o corpo humano passa a ser considerado pecaminoso, e os banhos deixam de ser um hábito para o povo.

O mito da Iara pode ser reconhecido em muitas culturas, aparece sob o nome de Sirena na Espanha, Nereida na Grécia, Loreley na Alemanha, Kianda na África, Sereia em Portugal, todas elas criaturas das águas que enfeitiçam os homens deixando-os enamorados e levando-os à morte.<sup>7</sup>

“A história de Guarujá começa com André Gonçalves e Américo Vespúcio, em 22 de janeiro de 1502, que ancorava a armada junto à costa ocidental na praia hoje chamada de “Pouca Farinha”<sup>8</sup>. Os primeiros habitantes portugueses apelidaram o local de “Ilha do Sol”.<sup>9</sup>

Guarujá encantou os portugueses e mais tarde a beleza das águas, do sol constante e do céu atraem a atenção de Elias Fausto que imagina uma cidade que será freqüentada pela elite. Para se ter uma idéia desse luxo ele encomendou aos EUA uma “cidade inteira”<sup>10</sup> composta por um hotel, uma igreja, um cassino e 46 chalés de residência. No dia 4/9/1893 deu-se a inauguração da Vila Balneária. As classes abastadas logo foram seduzidas pelo desejo de freqüentar um local especial para as férias. Os mais velhos, principalmente os homens, costumavam freqüentar o hotel e o cassino onde havia vários tipos de jogos, bailes e restaurantes de luxo. Os mais jovens usufruíam de um serviço de praia com cabines para a troca de roupa.<sup>11</sup> No século XX os banhos de mar são considerados uma forma de tratamento de saúde o que beneficiou a propagação do hábito de tomar banho de sol. Atualmente o corpo bronzeado é altamente valorizado, representando o oposto do “branco escritório”.

O corpo bronzeado pressupõe um tempo e dinheiro disponíveis para ir à praia e desfrutar de seus prazeres. Os trajes de banho cada vez mais sofisticados são exemplo de status e servem para valorizar ainda mais a beleza e saúde dos corpos.

Parafraseando o poeta: o mar quando quebra na praia é bonito, é bonito.

---

<sup>7</sup> Ver nas obras de JUNG, K. G. as duas faces da mulher: a grande mãe e a mulher terrível, dominadora que assusta os homens.

<sup>8</sup> VAZ, Ângela Omati Aguiar. *Guarujá – três momentos de uma mesma história*. Santos, SP. Espaço do autor, 2003.

<sup>9</sup> DAMASCENO, Mônica de Barros, MOTTA, Paulo. *Pérolas ao sol – apontamentos para uma história de Guarujá*. SP: Edição PMG, s/d.

<sup>10</sup> \_\_\_\_\_. *Pérolas ao sol – apontamentos para uma história de Guarujá*. SP. Edição PMG, s/d.

<sup>11</sup> Para um estudo sobre a evolução das roupas ver: NERY, Marie Louise. *A evolução da indumentária – subsídios para criação de figurino*. RJ. SENAC, 2004.

## BIBLIOGRAFIA

ACERENZA, M.A. *Administración del turismo: conceptualización y organización*. México, Trillas, 1991.

DAMASCENO, Mônica de Barros, MOTA, Paulo. **Pérolas ao sol – apontamentos para uma história de Guarujá**. SP. Editora PMG. s/d.

HOMERO. **Odisséia, Pensamentos** . SP: Cultrix, 1997

HESÍODO. **Teogonia: A origem dos Deuses**. SP: Iluminuras, 1995

JAEGER, Werner. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. SP: Martins Fontes, 2001

NERY, Marie L. **A evolução da indumentária – subsídios para criação de figurinos**. RJ: SENAC, 2004.

REJOWSKI, Mirian (org). **Turismo no percurso do tempo**. SP: Aleph,2002.

SCHLÜTER, R, WINTER, G. **El fenómeno turístico**. Buenos Aires: Docência, 1993.

SILVA, Fernando B. **A psicologia dos serviços e hotelaria: entender o cliente e atender com eficácia**. SP. Pioneira Tomson Learning, 2004.

SOUZA, Eudoro. **Dioniso em Creta e outros ensaios: estudos de mitologia e filosofia da Grécia antiga**.SP: Duas Cidades,1973.

VAZ, Ângela O. Aguiar. **Guarujá- três momentos de uma história.** Santos. S: Espaço do autor, 2003.

VERNANT, Jean-Pierre , VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga.** SP: Duas Cidades,1977